

Resumo

Evolução do capitalismo e salto qualitativo nos fundamentos da Revolução Industrial; a máquina e seus órgãos; o surgimento do quarto órgão da máquina, o órgão de controle; consequências históricas após o seu surgimento; a nova etapa histórica do capitalismo; o capital não mais consegue expandir as novas forças produtivas; crise geral do capital e sua decadência inevitável.

Palavras-chaves: crise, máquina, produção.

Resumen

Evolución del capitalismo y salto cualitativo en los fundamentos de la Revolución Industrial; la máquina y sus órganos; la aparición del cuarto órgano de la máquina, el órgano de control; consecuencias históricas después de su surgimiento; la nueva etapa histórica del capitalismo; el capital ya no puede expandir las nuevas fuerzas productivas; crisis general del capital y su inevitable declive.

Palabras clave: crisis, maquina, producción.

Abstract

Evolution of capitalism and qualitative leap in the foundations of the Industrial Revolution; the machine and its organs; the emergence of the fourth organ of the machine, the control organ; historical consequences after its emergence; the new historical stage of capitalism; capital is no longer able to expand the new productive forces; general capital crisis and its inevitable decline.

Keywords: crisis, machine, production.

² Trabalho original de setembro de 2010, recebido por e-mail pelo coordenador do IBEC. Aqui se trata de uma versão abreviada, destinada a ser reproduzida neste número da Revista Fim do Mundo (obs. do revisor, Paulo Alves de Lima Filho, fevereiro de 2020).

³ Engenheiro eletrônico especializado em construção de computadores, fez pós graduação em Cuba e na Bulgária na área de linguagem de programação, trabalhou no Chile de Allende, em Moçambique nos anos de 1980 e gerenciou o desenvolvimento de um sistema operativo de controle industrial no Brasil. s.bacchi@gmail.com



Introdução

Este trabalho busca demonstrar a validade da teoria marxista para analisar o capitalismo atual justamente por ser uma teoria aberta, que permite ajustar-se às mudanças da realidade sem negar-se a si mesma.

A base deste trabalho é, sobretudo, o descobrimento de Marx, a lei do capitalismo, “Tendência à Queda da Taxa de Lucro” presente no livro 3 de “O Capital” e outros conceitos também descritos por Marx em “O Capital”, como a da composição orgânica do capital. Examinarei inicialmente, além disso, diversos temas elementares, para poder chegar ao objetivo sem que apareçam conceitos como que saídos da manga de um mago, chegando a conceitos que são deduzidos dialeticamente, seguindo o fio condutor teórico desenvolvido por Marx e Engels, nossos fundadores.

A primeira manifestação visível da crise geral do capital foram as ocorrências de 1968⁴, como deixo claro mais adiante onde descrevo a máquina típica da época atual desde o início dos anos 1960, após o surgimento do **órgão de controle**, o quarto órgão da máquina - descrita por Marx com somente três órgãos⁵ -, no terceira seção deste trabalho, intitulado “A Máquina”.

Compreender esta afirmação significa também compreender o processo de formação do valor no sistema capitalista, ou mesmo em qualquer regime de classe.

Significa saber que só o trabalho humano gera valor. Justamente esta afirmação está no centro das concepções econômicas de Marx e também deste trabalho. Então podemos entender, em profundidade, aquilo

⁴ “O Poder da Ideologia” Istvan Mészáros, Editorial Boitempo, 2004.

⁵ Karl Marx “O Capital” Crítica de la Economía Política. Livro Primeiro, Volume I – DIFEL Difusão Editorial S.A. 1984, 9ª edição, tradução de Reginaldo Santana.



que aconteceu para gerar a crise de 2008, ou seja, uma tentativa de sustentar um sistema financeiro não apoiado no trabalho produtivo, mas somente na circulação financeira, o que levou a desmoronar toda essa economia, levando o mundo à beira do colapso econômico, isto significaria a paralisia de todos os sistemas financeiros, que em longo prazo será o fim das finanças no capitalismo se não abolirmos este sistema e inventarmos outro que não se baseie no mercado, ou seja, que venha a abolir a exploração do homem pelo homem e que passe a distribuir a riqueza produzida visando em primeiro lugar satisfazer as necessidades de todos em igualdade de condições.

Portanto, nosso objetivo aqui é demonstrar que o capital não tem condições de superar a crise na qual está submerso há já uns 45 anos, empregando, sobretudo os conceitos desenvolvidos por Karl Marx e demonstrando assim que esta teoria, o marxismo, está viva e é a que pode dar conta dos sucessos do processo histórico até o fim do capitalismo.

O fim do fordismo-taylorismo e a automação industrial

Com o desenvolvimento da ciência como força produtiva imediata, o aparecimento de um surto de descobertas científicas e o desenvolvimento de inúmeros campos da ciência e da técnica durante o século XX levou ao aparecimento dos equipamentos digitais no final da primeira metade do século. Esses equipamentos rapidamente evoluíram em máquinas programáveis, os computadores e destas em microcomputadores que passam a ser produzidos em massa.

Essas máquinas naturalmente foram utilizadas no controle de outras máquinas, tais como tornos mecânicos, fresadoras e por último, em muitas máquinas que se utilizam na produção.



A grande vantagem, do ponto de vista técnico, das máquinas controladas por computador ou por rede de computadores, é por um lado, a precisão com que atuam nos objetos que fabricam, que passa algumas vezes de decímetros a milímetros, e por outro, a velocidade altíssima com que trabalham. Por exemplo, um robô soldador, utilizado na indústria automobilística distingue entre dois pontos a uma distância de 2 mm e pode ter uma jornada de trabalho de 24 horas 7 dias por semana. Um ser humano não consegue distinguir uma distância homogênea entre as soldas, podendo errar em 20 ou 30 mm e mais, quando cansado, sem contar que tem uma jornada de trabalho muitíssimo mais reduzida que o robô.

Mas do ponto de vista econômico, as vantagens são duas: a primeira, a velocidade delas, muitas vezes superior à máquina controlada manualmente e, segundo, a permissão para dispensar uma imensa quantidade de trabalho vivo. Eis aí o responsável pelo desemprego de mais de 10% dos trabalhadores do mundo e que continua aumentando, sem chance de diminuir enquanto houver capitalismo, apesar do que diga a propaganda do capital.

Por outro lado, a aplicação do controle automático na produção tem um só limite. O único limite que encontra a automação industrial é o do trabalho criativo. Nenhuma máquina, das que os homens desenvolveram até hoje, é capaz de realizar o menor trabalho criativo, mas somente pode executar um programa previamente armazenado em seu interior. Portanto, podemos desenvolver máquinas para executar todas as operações produtivas somente depois de desenvolvido um protótipo do produto que funcione corretamente.

Sabemos que toda sequência de operações passível de ser reduzida a um algoritmo ou um diagrama de fluxo, como é normalmente conhecido,



pode ser reduzida a um programa para computador. Sabemos também que só um ato criativo não pode ser reduzido a um programa computacional, porque em realidade não sabemos o que vamos encontrar mais adiante numa criação. Então ao homem estaria somente reservada a criação, abandonando às máquinas todo outro trabalho, mas isto somente se nos livrarmos do capitalismo.

Se a sociedade vivesse num regime social onde a produção não visasse lucro, a automação industrial libertaria o homem de uma imensidão de trabalhos cansativos e alienantes.

A Máquina

Assim Marx abre o capítulo XIII de “O Capital”, intitulado “A maquinaria e a indústria moderna”⁶:

Em sua obra “Principles of Political Economy”, John Stuart Mill diz: “É duvidoso que as invenções mecânicas feitas até agora tenham aliviado o labor diário de algum ser humano”.

E numa nota de rodapé Marx afirma:

Mill deveria ter dito: “De algum ser humano que não viva do trabalho alheio. As máquinas aumentaram o número dos abastados ociosos”.

E segue:

Não é esse o objetivo do capital quando emprega maquinaria. Esse emprego como qualquer outro desenvolvimento da força produtiva do trabalho, tem por fim baratear as mercadorias, encurtar a parte do dia de trabalho da qual precisa o trabalhador para si mesmo, para ampliar a outra

⁶ Karl Marx “O Capital” Crítica da Economia Política. Livro Primeiro, Volume I – DIFEL Difusão Editorial S.A. 1984, 9ª edição, tradução de Reginaldo Santana.



parte que ele dá gratuitamente ao capitalista. A maquinaria é meio para produzir mais valia.

Portanto, é primordial ter em mente este fato quando se estuda a máquina. Em primeiro lugar, é um meio de produzir mais valia na nossa sociedade atual.

28

Mais adiante, na nota de rodapé nº 89, comentando a máquina de fiar de John Wyatt, Marx diz:

Antes dele, foram empregadas máquinas para fiar, embora muito imperfeitas, e a Itália foi provavelmente o país onde primeiro apareceram. Uma história crítica da tecnologia mostraria que dificilmente uma invenção do século XVIII pertence a um único indivíduo. Até hoje não existe essa obra. Darwin interessou-nos na história da tecnologia natural, na formação das plantas e dos animais como instrumentos da produção necessária à vida das plantas e dos animais. Não merece igual atenção a história da formação dos órgãos produtivos do homem social, que constituem a base material de toda a organização social? E não seria mais fácil reconstituí-la, uma vez que, como diz Vico, a história humana se distingue da história natural, por termos feito uma e não termos feito a outra? A tecnologia revela o modo de proceder do homem para com a natureza, o processo imediato da produção de sua vida e assim elucida as condições de sua vida social e as concepções mentais que delas decorrem. Mesmo uma história da religião que ponha de lado essa base material, não é uma história crítica. Em realidade, é muito mais fácil descobrir o cerne terreno das nebulosas representações religiosas, analisando-as, do que, seguindo o caminho oposto, descobrir, partindo das relações da vida real, as formas celestiais correspondentes a essas relações. As falhas do materialismo abstrato fundado sobre as ciências



naturais, excluindo o processo histórico, são logo percebidas quando nos detemos nas concepções abstratas e ideológicas de seus porta-vozes, sempre que se aventuram a ultrapassar os limites de sua especialidade.

Desta maneira, abordamos igualmente o caráter da ciência em geral, além da necessidade de investigar e registrar de forma crítica a história de nossos meios de produção, pois expressa todo o caráter de classe dos mesmos⁷.

É nesse mesmo capítulo onde Marx elabora a sua definição de máquina. Interessante notar que, para Marx, a máquina representa um salto qualitativamente novo em relação à ferramenta, que permitiria à humanidade passar a produzir uma existência nova para si, apesar de que isto não haja ocorrido até nossos dias. Marx critica a falta de critério que tiveram matemáticos, mecânicos e economistas da época, ao afirmar que a máquina era puramente uma ferramenta complexa, não uma construção qualitativamente nova, antes inexistente, que resulta da agrupação de numerosos instrumentos mecânicos.

Afirma Marx:

Toda maquinaria desenvolvida consiste de três partes essencialmente distintas: o motor, a transmissão e a máquina ferramenta⁸.

O *Motor* – É o órgão encarregado de entregar a energia a toda a máquina. Existe, historicamente uma infinidade de tipos de motores, mas todos transformam uma forma dada de energia em energia mecânica para mover o mecanismo. Na época em que viveu Marx, a física ainda não havia

⁷ Atente-se para o fato de que nossas máquinas carregam o caráter da classe da sociedade que as produziu.

⁸ Página 425 da obra já citada.



desenvolvido o conceito de energia. Podemos encontrar a roda de água que transforma a energia de uma queda de água em movimento rotatório, o moinho de vento que transforma a energia eólica em movimento rotatório, o motor a vapor que transforma a pressão do vapor de água em movimento de vaivém horizontal que uma biela transforma em movimento rotatório, precursor do motor a explosão dos veículos atuais. Existem máquinas movidas por força animal – do burro, do boi e outros -, como nas usinas de açúcar do Brasil colonial, e Marx fala de moinhos na Alemanha movidos por força humana, homens a quem punham no pescoço uma roda grande de madeira para evitar que durante o trabalho levassem o trigo moído à boca. Mas a descoberta do motor elétrico trouxe consigo uma série de avanços na organização da fábrica, pois, dentre outras vantagens, a eletricidade pode ser utilizada a muitos quilômetros de distância de onde é gerada. O motor é mais compacto e pode estar alojado no seio do mecanismo.

A Transmissão – A transmissão é a encarregada de modificar e transmitir o movimento rotatório do motor de diferentes maneiras e entregar a energia necessária para mover a máquina ferramenta. A transmissão pode modificar o movimento rotatório, transformando-o em horizontal ou vertical, e inverter o sentido de rotação, produzir movimentos periódicos com polias excêntricas, gerar movimentos de vaivém com bielas, etc.. As engrenagens, eixos, polias, correias, etc., formam parte da transmissão.

A Máquina Ferramenta – Sobre a máquina ferramenta disse Marx:

Os aparelhos e instrumentos com que trabalha o artesão e o trabalhador manufatureiro na máquina aparecem de modo geral, apesar de que muitas vezes, sob forma muito modificada, não são mais



instrumentos do homem senão que ferramentas de um mecanismo, instrumentos mecânicos.

Hoje, o serrote do carpinteiro se tornou uma serra elétrica. E assim ocorreu com quase todas as ferramentas. Mas sempre a máquina ferramenta será o objetivo, tanto do motor, que lhe entrega energia, como da transmissão, que adapta o movimento às necessidades da máquina ferramenta. É nesta máquina ferramenta onde o objeto do trabalho resulta elaborado da forma desejada. Sobre a máquina ferramenta recai a responsabilidade das transformações dos objetos do trabalho.

Uma máquina ferramenta particularmente interessante de se examinar, é um torno mecânico, onde o metal é fixado para dar-lhe inúmeras formas, de acordo ao objetivo do operador da máquina, desde uma porca de parafuso a um parafuso. O motor, assim como a transmissão, são mecanismos altamente complexos como para dar versatilidade ao torno. O motor possui um sistema de regulação de velocidades, a transmissão pode fazer girar diferentes eixos a diferentes velocidades para regular a efetividade da ferramenta de corte, dando o passo exato, por exemplo, de determinada rosca a ser aberta no metal. Um operador de torno mecânico é um trabalhador altamente especializado. Deve ter conhecimentos dos materiais com os quais trabalha, metais e ligas metálicas, e saber como escolher e afiar as diferentes ferramentas de corte para cada material e cada tipo de trabalho que realizar, conhecer as velocidades que deve empregar de acordo com o material e tipo de trabalho, sem contar que deve conhecer à perfeição a máquina que opera e suas limitações.

Marx escreveu a respeito da ausência de uma história crítica dos órgãos de produção da humanidade. Como ele afirma, a partir de Darwin se aperfeiçoa a história do desenvolvimento dos órgãos dos seres vivos, *mas os*



órgãos elaborados pelos homens para a produção de sua vida seguem sem uma história crítica onde se possa estudar certas particularidades de nossas próprias vidas.

O que acima descrito é a máquina da época em que Marx escreveu “O Capital” e que se desenvolveu por muitos anos mantendo o mesmo caráter. Entretanto, a partir de meados da década de 1960, houve um salto qualitativo na construção de máquinas que mudou seu caráter. Este salto se deu em função do surgimento da máquina programável, que introduziu a aplicação, nas máquinas, de um quarto órgão, **o órgão de controle**.

A máquina programável, de por si, já seria tema para diversos capítulos, pois sua importância no desenvolvimento da sociedade humana é imensa, basta dizer que a internet é uma complexíssima máquina programável que se estende por todo o mundo e tem seus motores em cada máquina conectada a ela. Entretanto, por falta de espaço deixaremos de acrescentar muito mais sobre ela.

O fundamental a seu respeito já foi dito, qual seja, é capaz de executar um programa qualquer que possa ser resumido por um algoritmo, e sua maior limitação é não poder criar nem uma linha de nada, pois não dispõe de consciência. Muitos querem ver naquilo que chamam de inteligência artificial certo grau de criatividade, mas, pelo menos até hoje, o que temos são diretivas programadas de um certo objetivo e programas de variação de determinados parâmetros e quando uma variação faz os resultados do programa aproximar-se mais do objetivo descrito no programa, o novo parâmetro ou parâmetros são adotados, caso contrário são descartados.

Para Marx já estava claro que a máquina desenvolvida pelo capital fora desenvolvida segundo as necessidades do capital para maximizar a mais



valia, esquecendo-se do conforto no trabalho, a segurança do trabalhador e muitos outros detalhes, como a economia máxima de energia, o mínimo de poluição do meio ambiente, etc...

Ao se tornarem críticos, somente em nossos dias vêm à tona estes assuntos, pondo em perigo toda a existência da vida na terra e mesmo a própria Terra como planeta do sol.

Consequências do salto qualitativo da máquina na sociedade

As consequências desse salto foram muitas e em diferentes campos da sociedade:

Consequências sobre a mais valia, ou seja, sobre o capital⁹:

Como comenta Marx no livro 3 d'O Capital:

A relação entre a mais-valia e o capital variável v , isto é, m/v , chamamos de taxa de mais-valia, designada por m' . Assim $m/v = m'$, e, por conseguinte $m = m'v$. Referida ao capital total e não ao capital variável, a mais-valia chama-se lucro l , e a relação entre ela e o capital total C , isto é, m/C , taxa de lucro l' . Desse modo, $l' = m/C = m/c+v$, e substituindo m pelo seu valor $m'v$, encontrado acima, temos $l' = m'v/C = m'v/c+v$; equação que se pode exprimir na proporção $l':m' = v:C$; a taxa de lucro está para a taxa de mais-valia como o capital variável está para o capital total¹⁰.

A proporção $l':m' = v:C$ pode ser escrita $l'/m' = v/C$. Conclui-se que a taxa de lucro é sempre menor que a taxa de mais-valia, já que C que é igual a $c+v$, é sempre menor que v .

⁹ Todas as fórmulas aqui presentes estão no livro 3 de "O Capital" de Karl Marx.

¹⁰ O Capital – Crítica da Economia Política; Livro 3, Volume IV, III Relação entre Taxa de Lucro e de Mais-Valia página 54 Editora Difel, 1983



Marx define outro conceito, o de Composição Orgânica do Capital como **COC = c/v**.

No livro 3 de "O Capital" Marx depois de extensa análise das fórmulas da taxa de mais-valia e taxa de lucro, fazendo variar um dos fatores e mantendo os demais fixos conclui que: "A taxa de lucro é determinada por dois fatores principais: a taxa de mais-valia e a Composição Orgânica do Capital" ¹¹.

Portanto sendo a composição orgânica do capital (COC) igual ao capital fixo, ou seja, o conjunto de máquinas, instrumentos, ferramentas, instalações, edificações, etc., dividido pelo capital variável, ou seja, a massa de salários paga pelo capitalista; na medida em que os trabalhadores vão sendo substituídos por máquinas, sucede que a COC aumenta constantemente, isto quer dizer que automatizando a produção a taxa de lucro diminui constantemente, pois é inversamente proporcional à COC, e significa despedir constantemente os trabalhadores especialmente nos países mais industrializados. Ao despedir imensas quantidades de trabalhadores o poder aquisitivo da sociedade cai; como as máquinas não consomem o que elas mesmas produzem as mercadorias não encontram compradores, salvo através do endividamento, tal qual sucede hoje em dia.

Além disso, também no livro 3 de "O Capital", na terceira parte, intitulada "Tendência a Cair da Taxa de Lucro", Marx dedica mais de 30 páginas em descrever essa lei do capitalismo e em seguida analisa 6 fatores que se opõem a essa lei, que são:

- 1º - Aumento do grau de exploração do trabalho;
- 2º - Redução dos salários;
- 3º - Baixa de preço dos elementos do capital constante;

¹¹ Idem página 76.



- 4º - Superpopulação relativa;
- 5º - Comércio Exterior;
- 6º - Aumento do Capital em Ações.

Em seguida se dedica a analisar as contradições internas dessa lei.

Como tudo na natureza depende de um limite, quando a taxa de lucro baixa a determinado ponto diferente de zero, mas razoavelmente baixo, na verdade, o capital já não pode suportar, pois a reprodução ampliada se interrompe e o sistema entra em crise que não é cíclica, senão que uma crise generalizada do sistema. *Com isto queremos dizer que o capitalismo, a partir deste momento, está condenado a uma decadência constante e irreversível, tal como descreve Marx em suas obras. E o capital como um todo já não consegue conter mais as novas forças produtivas em seu seio.*

Estas consequências, que se puderam observar em nosso cotidiano no caso da crise financeira de 2008 nos EUA, se estendeu pela Europa e praticamente por todo o mundo. O exemplo desta crise e de outras demonstram a validade das descobertas de Marx para os processos que ocorrem em nossos dias.

Consequências sobre os estados nacionais e o imperialismo:

No instante da saturação do sistema, isto é, quando o sistema já não pode conter mais forças produtivas em seu seio, a burguesia começa a buscar meios de aumentar sua taxa de lucro. Com a queda das taxas de lucro, o imperialismo imediatamente tomou medidas para freá-la.

Abrindo um parêntesis, podemos dizer que a ciência da economia da burguesia, se é que se possa chamar isso de ciência, nega rotundamente que o valor só é gerado pelo trabalho humano vivo. No conceito dessa classe, é a rotação do capital que gera riqueza, porque essa é a aparência



para quem administra o capital. Para essa classe, os trabalhadores não existem, senão como um estorvo aos lucros. Então, quando os trabalhadores já não são necessários, creem que os lucros vão aumentar despedindo-os. Além disso, mesmo que alguns se deem conta de que essa não é a verdade, não podem fazer nada, devido à anarquia total reinante na produção privada.

Quando as máquinas modernas, dotadas de órgão de controle, começaram a funcionar, é claro, alguns capitalistas tiveram grandes lucros, mas depois, com a difusão da nova tecnologia, não só esses primeiros deixaram de auferir grandes lucros, senão que os lucros de forma geral caíram e continuam a cair. As crises vieram uma após outra e todas, até agora, sempre foram tratadas como meras crises cíclicas, mas diferentemente de uma crise cíclica, quando ela é uma crise de crescimento, que indica que a casa deve ser rearmada, uma crise geral, terminal ou sistêmica indica que a arrumação da casa deve começar por mudar o regime social, e é isso que a burguesia nega, o que conduz ao agravamento da crise, como notamos na última crise que eclodiu no seio do país hegemônico, os EUA.

Depois de alguns ensaios sem êxito, o imperialismo resolveu mudar a orientação de seus governos, abandonando o keynesianismo e adotar o neoliberalismo. Esta nova forma de governar busca, sobretudo, acabar com qualquer direito trabalhista, mas, além disso, acabar com todos os direitos que o povo ganhou em duras lutas seculares, ao preço de inúmeras vidas.

As Consequências sobre os trabalhadores:

As verdadeiras vítimas da queda das taxas de lucro foram os trabalhadores de todo o mundo. Isso porque o capital procura até hoje recuperar seus lucros, sobretudo diminuindo as conquistas da classe



trabalhadora e expulsando o trabalhador para a rua. Esses trabalhadores, chamados então de excedentes, desde essa época são tratados pelos burgueses, em alguns lugares, como delinquentes e há, mesmo, círculos burgueses que advogam o extermínio das populações excedentes.

Assim é que acabam com o direito à educação, à saúde, garantidas pelo estado. Além disso, o império passa a privatizar todos os serviços que se encontravam em mãos do estado, por serem nacionalmente estratégicos, como empresas telefônicas, empresas de fornecimento de água e energia elétrica à população, o que representa um alto ônus a estas, já que as empresas privadas que se apoderaram dessas empresas subiram os preços desses serviços exageradamente e os serviços, em geral, caíram de qualidade.

E a todo o dito anteriormente devemos acrescentar que o desemprego ocasionado pela automação industrial gerou uma população de miseráveis que em países tropicais como o Brasil, por exemplo, podemos ver nas cidades, nas quais antes havia indústrias anteriores à automação, inúmeras famílias passam a viver na rua a céu aberto ou sob viadutos, com todos os seus pertences. É o caso da cidade de São Paulo, por exemplo.

Mesmo nos países centrais, sobretudo na Europa, os trabalhadores, apesar de gozar de melhores remunerações e nível de vida, ultimamente começam a reagir contra a situação em que se encontram e as manifestações se reproduzem. Mas até agora não conseguiram uma proposta que seja minimamente unitária e possa antepor-se ao avanço da precarização do trabalho.



Conclusões

Neste documento tentamos advertir que, enquanto houver capitalismo, a teoria de Marx será uma insubstituível arma teórica de luta contra o sofrimento imposto por esse regime social, que em sua senilidade passa a destruir vidas humanas ao ver sua acumulação ameaçada, como o fez em larga escala no Iraque, para citar um genocídio de grandes proporções, sem falar das mortes diárias pela miséria que impera no seio da sociedade, sobretudo na África.

Podemos entender claramente que a teoria de Marx não é algo concebido estaticamente e de uma vez para sempre. Se quiser continuar viva, a teoria deve acompanhar a evolução da própria vida. Creio que enquanto não houver uma profunda renovação teórica, em muitos aspectos, muitos dos partidos marxistas sobreviventes acabarão também se transformando em trastes do passado.

Mas essa renovação não significa simplesmente a negação pura e simples da teoria marxista, mas um desenvolvimento justamente em sua direção inicial, aos seus fundamentos. Mantendo a combatividade e lucidez que imperam nos trabalhos de nossos fundadores, Karl Marx e Friedrich Engels.

Recebido em 10 out. 2019 | aceite em 15 fev. 2020

